

Nata da MPB
celebra Carlos Lyra
em álbum



PÁGINA 3

Godzilla renasce
no milionário
'Minus One'



PÁGINA 6

Rosane Svartman
em narrativa sobre
luta pela vida



PÁGINA 7

2º CADERNO

Vinicius Mochizuki/Divulgação

Isabella Taviani reflete sobre a força do amor para romper qualquer tipo de barreira

Lembrada pelas canções românticas, plenas de paixões e encantos, Isabella Taviani volta sua poética ao amor maduro e bem vivido em seu novo single, "Dois Babies e Uma Casa de Campo", que evoca o atual momento de vida da cantora e compositora. A música inédita vem ao encontro desta fase de celebração, e nasce já adornada pelo tom amoroso com o qual reveste boa parte de suas canções.

A nova criação está no repertório do show que a cantora e compositora carioca apresenta, em voz e violão, nesta terça-feira (19), às 19h30, no Teatro Rival. "Gosto muito do formato voz e violão porque me dá liberdade e lembra o início da carreira, quando cantava nos bares", destaca a artista.

"Sendo bem honesta, acredito no amor. Mesmo. Acredito de verdade que a força de um amor é capaz de romper barreiras de tempo, gênero, idade, classe social, política, e criar conexões indestrutíveis! Uma canção de amor precisa ser honesta, simples assim. Aliás, as mais simples são as mais diretas. Atingem as pessoas naquele lugar mais esperado", reforça Isabella, que realiza o lançamento pouco mais de



Isabella Taviani:
'Gosto muito do formato voz e violão porque me dá liberdade e lembra o início da carreira, quando cantava nos bares'

'Uma canção de amor precisa ser honesta, simples assim'

um ano depois de "Repito", seu último single.

A nova canção chega ao público justamente num momento em que políticos mal-intencionados tentam invalidar a oficialização das relações homoafetivas.

Coincidências à parte, Isabella a considera, sim, uma res-

posta a tudo que vem acontecendo. "O refrão desta canção já estava pronto em 2018 e, na procura por material inédito nos meus arquivos, fiquei surpresa ao encontrá-lo e decidi terminar a música. Quando eu olho minha família e vejo tanto amor e dedicação, me pergunto: por

que não nos deixam viver em paz? Por que nossa construção de vida precisa sempre ser cancelada pelo Legislativo, como se eles fossem donos do certo e do errado?", provoca a artista, ressaltando, porém, que não se trata de uma canção política, muito menos questionadora.

"Ela simplesmente fala sobre os planos de um casal e o que ele pensa sobre o amor, mas acaba nos fazendo pensar na razão pela qual se questiona a legalidade de uma relação homoafetiva como a da minha família, que é assim, cheia de luz", pondera.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

'As críticas não me incomodam como no passado'



Divulgação

O último contato entre Raoni e o cineasta, em Cannes

Festival exclui filme sobre Raoni após briga com cineasta

O Festival de Brasília decidiu não exibir o documentário "Raoni: Uma Amizade Improvável" após a liderança indígena romper relações com o cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux. O filme fecharia a programação do festival. No entanto, a organização do evento preferiu não exibir o material em razão do imbróglio. "Eu só não cancelaria o filme se um dos dois estivesse aqui para apresentá-lo. Caso contrário, a polêmica ganharia destaque, e não o filme", justificou Anna Karina de Carvalho, diretora artística do evento.

O longa acompanha a amizade entre o cacique e o diretor. Eles se aproximaram quando o belga veio ao Brasil nos anos 1970.

Registro ao vivo

Para celebrar o fim da turnê "Portas", que realizou mais de 150 shows em cerca de 80 cidades de quatro continentes, Marisa Monte está lançando um registro em audiovisual do show realizado em outubro, na Arena Jockey.

Paulo Gustavo

Aqueles que sentem saudades de Paulo Gustavo vão poder assistir cenas inéditas do ator em "Minha Vida em Marte 2", sequência do filme de 2018. "Temos cenas do primeiro filme que não colocamos", diz a diretora Susana Garcia.

Moska e Orquestra

Projeto inédito no Rio, o encontro musical da Orquestra à Base de Corda (OABC) de Curitiba com o cantor Paulinho Moska acontece nesta segunda, terça e quarta (19 a 21), sempre às 19h no Teatro Nelson Rodrigues, da Caixa Cultural, no Centro.

Decolando

Depois de chamar atenção com a mixtape "Deadline", o rapper Decola explora outros nuances de sua sonoridade em "Rock n' Radar". O brasileiro radicado em Portugal se debruça sobre uma variedade de temas, como arte, autodescoberta e resiliência.

Antes de se tornar cantora, trabalhou em repartição pública e deu aula para crianças carentes. Filha de uma pianista e neta de um cantor de ópera, procurou o curso de soprano apenas para aprimorar a voz, pois já sabia que o que queria era MPB. Foram muitas noites cantando em barzinhos até que suas canções ganhassem mundo, sobretudo as que foram incluídas em trilhas sonoras de novelas.

Isabella filosofa sobre sua trajetória e o sucesso estrondoso logo no início de sua jornada musical. "Fazer sucesso no início de carreira e explodir com algumas canções é uma coisa. Mas permanecer e se tornar uma artista ativa, tendo um grande número de fãs e casas noturnas cheias, é outra. E isso tem um valor inestimável pra mim. Acho que em 20 anos eu amadureci. As críticas não me incomodam como no passado. Hoje, o mais importante é manter a conexão que eu tenho com o público, conseguir me renovar artisticamente e permanecer fiel àquilo que eu sempre tive desde o início da carreira, que é a minha verdade. Com ela eu canto, componho, me apresento e me conecto com meus fãs", pondera Taviani.

São 20 anos de carreira fonográfica mas, ela deixa claro, começou a cantar nos primeiros bares aos 18 anos. As composições próprias surgiram por volta de 1998, 1999, numa época de incertezas e do fim de um relacionamento de 15 anos. Aquele período, em que sentiu a necessidade de expressar seus sentimentos, a direcionou para o que sempre quis: compor, cantar e emocionar as pessoas, fazendo com que tanta gente venha se identificando com suas letras



Vinicius Mochizuki/Divulgação

As composições próprias de Isabella surgiram por volta de 1998, numa época de incertezas

e melodias. E neste público tão diverso não poderia faltar uma grande parcela LGBTQIAPN+, comunidade da qual faz parte. Mas Isabella confessa que, embora sempre tenha composto músicas pensando em suas vivências e histórias, não imaginava que a identificação por parte deste público fosse tão grande. E teve uma grata surpresa ao receber uma mensagem no seu Instagram sobre o Dia da Visibilidade Lésbica.

"Achei muito interessante porque muitas pessoas estavam ali me aplaudindo e ao meu trabalho, e teve uma menina que falou 'Meu Deus que mulher é essa, que cantora maravilhosa é essa que eu não conhecia?', ao que uma outra respondeu 'Amore, é a Isabella Taviani, foi a primeira a cantar o universo lésbico da

forma mais incrível. Ela que me abriu os olhos para meus sentimentos, onde eu realmente me situava, o que eu queria da minha vida. Ela foi tipo o mito sexual de um monte de lésbicas", surpreendeu-se Isabella que, num show recente, conheceu duas meninas que tatuaram o código de barras da música "A Canção que Falta", música que se tornou a canção do casal. "É muito amor, e isso é maravilhoso!", entusiasma-se.

SERVIÇO

ISABELLA TAVIANI - VOZ E VIOLÃO
Teatro Rival (Rua Álvaro Alcim, 33 - Cinelândia)
19/12, às 19h30
Ingressos: Setor A - R\$ 160 e R\$ 80 (meia) | Setor B - R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

Em qualquer livro ou filme sobre a Bossa Nova o nome de Carlinhos Lyra surge assim, no diminutivo, dito por algum outro artífice do movimento que renovou a música brasileira. Duas semanas antes de morrer, o cantor e compositor recebeu uma última demonstração de carinho do meio artístico, com o lançamento do álbum “Afeto”, uma homenagem aos seus 90 anos.

A palavra define bem a obra que se esmera numa poética da delicadeza, “o amor, o sorriso e a flor”, como João Gilberto cantou. As melodias arrojadas e o engenho harmônico estão a serviço de um lirismo cotidiano, em que rimas banais criam uma música envolvente, da melhor qualidade. Contratenor, Ney Matogrosso soube captar a delicadeza na primeira nota de “Canção que Morre no Ar”. “Brinca no ar/ um resto de canção”, diz a letra de Ronaldo Bôscoli.

É como se a música existisse antes de ter sido criada para o disco “E No Entanto É Preciso Cantar”, de 1971. Tudo é muito natural, como se a função do compositor fosse apenas ordenar uma sequência de notas. Três anos depois, Gal Costa gravaria a versão mais conhecida da obra, em seu álbum “Cantar”. Agora, Ney potencializa o significado de cada palavra, usando a sua capacidade única de expressão artística.

Não está ali o intérprete lascivo, mas o homem que vislumbra a completude ao lado de sua amada. Ainda que seja uma súplica (“Para nós, vem/ Um mundo sempre amor”), a canção aponta a “joie de vivre” bossanovista, um jeito de aproveitar a vida, de preferência no Rio de Janeiro. O comportamento também é percebido em “Saudade Fez um Samba”, interpretado por Gilberto Gil.

Nessa outra parceria com Bôscoli, incluída, em 1959, no

O afeto a um mestre

Carlos Lyra mostrou a força de sua bossa em disco antes de morrer



Carlos Lyra é celebrado por grandes nomes da MPB no álbum 'Afeto', lançado poucas semanas antes de sua morte



disco “Chega de Saudade”, de João Gilberto, não existe tempo para a mágoa, pois o balanço da música de Lyra supre qualquer ausência. O violão estilizado de Gil, cuja voz emite uma imitação de sua própria batida, reforça a ideia de naturalidade da criação musical, o que não anula a complexidade criativa do compositor.

Afinal de contas, Lyra sempre alicerçou sua bossa no samba. Já em 1956, sua canção “Influência do Jazz”, que criticava a presença do ritmo estrangeiro no samba, foi gravada pelo grupo vocal Os Cariocas. Nos anos 1960, a defesa seria reafirmada, quando participou

da fundação do Centro Popular de Cultura, o CPC, da União Nacional dos Estudantes. Foi então que Lyra se aproximou do samba do morro, de Cartola e Zé Ketí.

Em “Afeto”, “Influência do Jazz” é interpretada por Ivan Lins e Joyce Moreno. Nesse dueto, as duas vozes amalgamam um único timbre, de registro nem grave nem agudo, que sobressai em meio aos ataques jazzísticos dos metais: saxofone, trompete e trombone.

Já “Maria Ninguém”, outra canção presente em “Chega de Saudade”, que seria gravada por Brigitte Bardot, ganha uma roupagem havaiana com a guitarra

de Lulu Santos e o teclado de Marcos Valle. O arranjo remonta ao comportamento relaxado, típico do Rio de Janeiro, dos anos 1960. “Maria ninguém/ É Maria e é Maria meu bem/ Se eu não sou João de nada/ Maria que é minha Maria/ Ninguém”, diz a letra.

Em primeiro lugar, os nomes João e Maria podem formar qualquer casal brasileiro, o que aponta para um amor banal. Depois, existe um eco na letra (“ninguém-bem-ninguém”), cobrindo o ritmo da composição. A reincidência dos acentos tônicos ocasiona uma melodia que é difícil de tirar da mente. Num

redemoinho, a palavra sucumbe ao ritmo. Faz lembrar até o “Bim Bom”, de João Gilberto.

“Afeto” ainda traz uma interpretação de Caetano Veloso para “Ciúme” e outra de Djavan para “Você e eu”. Nesse impressionante mosaico, que mostra a força do repertório de Lyra, tudo acaba à beira-mar, como não poderia deixar de ser.

Em “E Era Copacabana”, parceria do compositor com Joyce Moreno, Mônica Salmaso fala de um tempo em que o bairro ardia em noites febris de música, boemia e poesia. “Foi num tempo em que tudo era demais”, ela canta. É difícil se despedir da bossa nova.

Clarianas mergulham no território da ancestralidade afrobrasileira no EP 'Xirê'

Somando à sonoridade que vem unindo ancestralidade e contemporaneidade, o coletivo musical-teatral Clarianas retorna com seu terceiro álbum de estúdio, "Xirê". O projeto oferece uma reinterpretação de pontos e orins, trazendo um olhar único para as interseções sonoras do Brasil e da mãe África.

O grupo de cantadeiras urbanas baseado na Grande São Paulo e liderado por Naruna Costa, Martinha Soares e Naloana Lima investiga a voz da mulher ancestral na música popular do Brasil. O grupo conta ainda com a participação dos musicistas Carla Raiza, Jackie Cunha,

Cantadeiras urbanas saúdam os orixás

Sergio Fernandes/Divulgação



As músicas apresentadas no trabalho do Clarianas são parte de pesquisa realizada por Mário de Andrade

Mauricio Badé e Augusto Iuna.

"Nosso novo álbum inaugura o primeiro disco do grupo com canções não autorais, voltadas aos Orixás. Uma seleção de sete faixas

que formam um repertório de releituras de orins - canções ritualísticas das línguas caboclas e yorubá, com um tratado de linguagem erudita. Trazemos nossas vozes

unidas ao arranjo sofisticado do Giovani Di Ganzá, que une tambores às cordas da viola caipira, violino, baixo e rabeca. Um disco cheio de axé!", comemora Naruna.

Em "Xirê", Clarianas explora as canções ritualísticas das línguas caboclas, portuguesas e iorubás, esta última sendo uma língua do oeste africano falada na região do Golfo de Benin. As músicas apresentadas no trabalho são parte integrante da pesquisa realizada por Mário de Andrade, arquivadas no Folclore da Discoteca Municipal do Estado de São Paulo. A iniciativa revitaliza as preciosas tradições musicais que formam a base da identidade cultural brasileira.

O grupo tem em sua formação três núcleos distintos. O trio vocal lidera com suas vozes, enquanto as cordas, incluindo viola caipira, baixo elétrico, violino e rabeca, adicionam uma dimensão climática à música. Este formato de trio é uma homenagem às tradições musicais africanas, onde a presença de três berimbau em rodas de capoeira e três atabaques em rituais de terreiros é comum, simbolizando a conexão espiritual e musical.

Divulgação



Musicando poemas

A poeta Sandra Nisseli, reúne parcerias para transformar seus versos em canção. Sua mais recente criação é canção "O Sol Brilha" é um sopro de positividade em meio ao caos, um convite a olhar para a vida de forma mais iluminada. O single colaborativo surgiu do encontro especial entre Sandra Nisseli e Javier Nasceu. Eles não apenas compartilham uma conexão musical profunda, mas também uma história de amor que inspirou essa composição. Em meio a essa jornada criativa, convidaram Os Alacantos, duo formado por Laura Gabriela e Tauã de Lorena, que emprestaram suas vozes para somar a essa narrativa.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Nas rodas da vida

A roda de samba carioca Samba da Volta lança nova música e clipe de "Maria, Cadê Teresa?". A faixa faz parte do álbum do grupo que será lançado em 2024 e o clipe tem direção de André Rodrigues, carnavalesco da Portela, ao lado de Luciano Xavier, e criação de Juliana Joannou. A música é um samba de roda já conhecido e muito cantado nos eventos do grupo, e com direito a passinho criado pelo percussionista Eryck Quirino. Conta a história de duas irmãs que vivem "no sereno", ou seja, na rua e na farra.

Vitor Melo/Divulgação



Divulgação



Modo Ceará ligado

Um som que é puro Ceará. A cantora Luiza Nobel apresenta o single "Bailante A2", produzido pelo beatmaker Jess no Beat, que chega às plataformas digitais e anuncia a temporada de lançamentos musicais cearenses de 2024. O clipe pode ser conferido no canal da artista no Youtube e conta com a participação do multiartista "Mateus Fazeno Rock". "Bailante A2" nasce da paixão pelo reggae em comum entre os artistas através do convite do produtor Jess no Beat, pesquisador e DJ do gênero no Ceará. A canção evidencia a cultura do "A2 cearense" e a mistura musical e estética contemporânea no estado.

Divulgação TV Globo



Apesar da baixa audiência, o Mário Fofoca de Lázaro Ramos arranca elogios

'O Ibope me surpreendeu'

Emprestado pela Amazon para atuar na Globo, Lázaro Ramos se espanta com baixa audiência de 'Elas Por Elas'

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

A baixa audiência do remake de "Elas por Elas", atual novela das seis da Globo, tem surpreendido o ator Lázaro Ramos. Emprestado pela Amazon, onde atua como diretor de projetos, o ator deu detalhes dos bastidores da produção.

Em entrevista exclusiva à reportagem logo após apresentar o Bola de Prata, da ESPN, Lázaro afirmou que a audiência ruim não tem feito a produção ficar com o clima pesado nos bastidores. Pelo contrário.

"Pois é, cara. O ibope me surpreendeu. Estou me divertindo todos os dias fazendo a novela. O bastidor é muito bom", afirmou. Seu Mário Fo-

foca, segundo o grupo de discussão realizado pela Globo, tem sido bem aceito. Lázaro diz que aceitou o papel porque sentia saudade de atuar.

"O meu Mário é bastante diferente do que foi feito brilhantemente pelo Luiz Gustavo em 1982. É um Mário para o horário das seis, que dialoga mais com o público infantil, com as donas de casa.... Eu estou feliz por exercer minha profissão com leveza, porque dirigi por três anos seguidos, e estava cansativo", afirmou.

Lázaro não desdenha do fato de ter virado diretor, mas admite que tinha muitas dificuldades recentemente. Para ele, 'Elas por Elas' recuperou sua vontade de ter leveza na profissão.

'A vida de diretor foi um lugar sonhado, desejado por muito tempo. Mas é uma vida que traz alguns estresses a mais do que a vida de diretor. Para mim, a novela está cumprindo as minhas expectativas. Eu queria me divertir atuando. É um personagem leve. E era isso que queria", concluiu Lázaro.

O ator também brincou com a situação insólita que viveu na semana passada. Com o acerto para fazer o Bola de Prata, Lázaro teve por alguns dias contrato com Amazon, Globo e Disney, três gigantes da comunicação.

"A resposta mais sincera que posso dar é que eu sou baiano (risos). Eu faço amigos por todos os lugares que passo. Aí dá nisso", brincou.

Joel Datena diz não ao SBT e Record

Na Band desde 2017, jornalista dá mais audiência que o pai famoso

Filho do apresentador José Luiz Datena, Joel Datena recusou propostas de SBT e Record para sair da Band. O jornalista aceitou a proposta da emissora e renovou seu contrato por longo prazo.

Seu antigo vínculo acabaria em 2024, mas Joel agora tem contrato até o fim de 2027. Ele seguirá no comando do Bora Brasil, jornal matinal da Band, e substituindo o pai nas folgas do titular do vespertino Brasil Urgente.

As ideias de SBT e Record com Joel Datena eram distintas. A TV de Silvio Santos o convidou para gravar um teste para o novo programa matinal da emissora, que será comandado por Regina Volpato e Michelle Barros.

Com isso, ele estava no páreo com outros nomes que gravaram testes, como é o caso de Ivan Moré, ex-apresentador esportivo da Globo, e de Pedro Lins, ex-âncora da emissora no Recife. Ou seja, sua ida do ainda era uma possibilidade.

No caso da Record, a proposta foi mais incisiva. A TV de Edir

Macedo acenou com a vontade de tê-lo comandando um dos programas jornalísticos transmitidos só para São Paulo pelo canal.

Joel também seria uma opção para o Cidade Alerta, caso Luiz Bacci, que tem contrato perto do fim, não renovasse. Nos bastidores, diz-se que o clima entre Bacci e a Record é ruim.

O filho de Datena, porém, optou por ficar onde está por gostar da emissora. Também pesou ele já ter um plano de carreira acertado com a chefia para os próximos anos, que leva em consideração a possibilidade de o pai disputar as eleições municipais de 2024.

O jornalista é visto como um sucessor natural do pai. Quando está no Brasil Urgente, ele não só mantém os números de audiência, como chega a ampliá-los em algumas ocasiões. Na última quinta-feira, o Brasil Urgente venceu o SBT sob seu comando, com picos de 4,5 pontos na Grande São Paulo (cada ponto equivale a 207 mil indivíduos). (G. V.)

Leo Eloy/Estúdio Garagem



Joel Datena renova contrato até 2027 com a Band

Divulgação

Godzilla esmaga a concorrência

Prestes a completar 70 anos, o Rei dos Monstros luta cinemas mundo afora com 'Minus One', mobilizando multidões no circuito brasileiro

Nascido em 1954, sob as lentes de Ishirô Honda (1911-1993), na foto abaixo, o grandalhão Godzilla ressurge com fome de destruição em 'Minus One'

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Celacanto que provoca maremoto (e destrói prédios), Godzilla vai completar 70 anos em 2024. Sua primeira passagem pelas telas aconteceu em 1954, numa produção dirigida por Ishirô Honda (1911-1993), cineasta responsável pela criação do rei das bestas colossais ao lado de Tomoyuki Tanaka e Eiji Tsuburaya. Mas o aniversário da criatura acabou por ser antecipado pelo êxito comercial planeta adentro do novo longa-metragem desse colosso escamoso, já em cartaz no país. "Minus One" é o nome da aventura fantástica de tom melodramático, que chega por aqui graças ao empenho da Sato Company. Trata-se de uma das pipocas mais quentinhas do ano na telona neste fim de ano e antecipa a chegada do esperado "Godzilla e Kong: O Novo Império", de Adam Wingard, uma versão hollywoodiana do leviatã nipôni-

co, que será lançada em abril.

Soa curioso o regresso de Godzilla ao circuito brasileiro no momento em que o cinema japonês anda bem representado no país por um filme chamado "Monster", um drama de (re)educação sentimental dirigido por Hirokazu Koreeda, laureado com o prêmio de Melhor Roteiro no 76º Festival de Cannes. O réptil pré-histórico gigante, que ganha proporções GG e uma série de poderes atômicos, numa ressaca dos testes nucleares da II Guerra Mundial, traz aos cinemas do Brasil uma perspectiva diferente (leia-se pop) da produção audiovisual japonesa. Desde sua estreia por aqui, na quinta, o 37º longa-metragem sobre o bichão cospe-raios anda lotando os complexos exibidores do Rio de Janeiro e de São Paulo. Lá fora, o sucesso se confirma: orçado em US\$ 15 milhões, "Godzilla Minus One" já contabiliza cerca de US\$ 64 milhões na bilheteria.

A direção é de Takashi Yamazaki, que filmou na região insular



Reprodução

de Konshu, de março a junho de 2022. O realizador deu à trama um timbre de folhetim, sem descuidar das sequências de ação e de quebra-quebra por um Japão assombrado pela explosão de bombas em Hiroshima e Nagasaki, em 1945.

É nessa época que as ações do longa se passam, tendo como foco as ações do piloto kamikaze Koichi Shikishima (Ryunosuke Kamiki) que aterra na ilha de Odo, em meio a um combate aéreo. O mecânico de aeronaves

Tachibana (Munetaka Aoki) insinua que Shikishima fugiu do seu dever, por covardia. Em meio a essa acusação, uma criatura parecida com um dinossauro, Godzilla, ataca. Shikishima entra no seu avião, mas não consegue disparar contra o monstro e fica inconsciente. Ao acordar, descobre que Tachibana é o único sobrevivente, que culpa Shikishima por não ter agido. Vai começar aí uma cruzada de combate contra Godzilla, que trans-

borda adrenalina. A direção de arte do longa deslumbra plateias com seu padrão vintage.

Indicado ao Critics Choice Awards, "Godzilla Minus One" tem figurado nas listas dos melhores filmes do ano de várias associações de imprensa americana. Nos EUA, um outro título sobre o Japão dos tempos da Segunda Guerra infla as receitas de exibidores: "The Boy and the Heron" ("O Rapaz e a Garça"), animação de Hayao Miyazaki. Aos 82 anos, o aclamado animador recebeu uma indicação para concorrer ao Globo de Ouro de Melhor Longa de Animação, na cerimônia agendada para o dia 7 de janeiro, pela Hollywood Foreign Press Association (HFPA) com seu novo exercício autoral. O endosso da associação de correspondentes estrangeiros de Los Angeles chegou na esteira do estrondoso sucesso de bilheteria de seu desenho animado, cuja arrecadação arranha a marca de US\$ 120 milhões. Por aqui, a produção, que abriu o Festival de San Sebastián, na Espanha, segue inédita.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

ENTREVISTA / ROSANE SVARTMAN, CINEASTA E NOVELISTA

Divulgação

Responsável por um dos maiores fenômenos da teledramaturgia brasileira nesta década (o folhetim das sete da TV Globo “Vai na Fé”), a cineasta e novelista Rosane Svartman está de volta aos sets de filmagem, para narrar uma saga de resiliência nas raias da finitude. De certa forma, o tema da luta pela vida já fazia notar em seu filme anterior, “Pluft, o Fantasminha”, de 2022. Mas o assunto ali era tratado pelas vias lúdicas da fantasia, inspirada por um marco do teatro infanto-juvenil. Em “Câncer com Ascendente em Virgem”, que ela roda no Rio, tendo a atriz e também roteirista Suzana Pires como protagonista, o fantástico dá lugar à dramédia. A atual experiência da realizadora de “Como Ser Solteiro” (1998) é baseada na peleja inspiradora da produtora do filme, Clélia Bessa, para derrotar uma ameaça à sua saúde, hoje curada.

Durante o tratamento que a curou de um câncer de mama em 2008, Clélia lançou um blog que se notabilizou por seu tom de desabafo. Chamava-se “Estou com Câncer, e Daí?”. A partir dele, Rosane estruturou a narrativa que promete emocionar o cinema brasileiro e arrancar de Suzana o que pode ser “A” atuação de sua carreira, o que significa muita coisa quando se lembra da brilhante interpretação dela em “Casa Grande” (2014) e seu divertido show de humor em “Loucas Pra Casar”, sucesso de 2015.

Na trama filmada por Rosane, a protagonista é Clara, uma professora de matemática que faz o maior sucesso como influencer educacional em seu canal na internet. Sarcástica, por vezes debochada, ela gosta de manter tudo sob controle, mas vai precisar aprender a lidar com a vulnerabilidade quando descobre que tem câncer de mama. Com coragem e resiliência, ela enfrenta dias ruins e outros melhores ao lado da família e de amigas leais, sobretudo sua mãe, Leda, vivida por Marieta Severo. Enquanto luta pela cura, Clara tem a chance de celebrar a vida e de ressignificar seus relacionamentos.

No bate-papo a seguir, Rosa-



ne explica sua imersão numa dramaturgia de sobrevivência.

De que maneira a luta real pela qual a produtora Clélia Bessa passou orienta e gênese e a evolução desse seu roteiro? O quanto universal é a história dela e o quanto desse universal se transfere para a Clara?

Rosane Svartman: A inspira-

ção do blog real da Clélia, além da história em si, orienta principalmente o tom do filme. A história em vários momentos se afasta e se aproxima da situação original, englobando outras experiências que surgiram no processo de pesquisa e criação, mas o tom, emocionante e dramático – ou, por vezes, até engraçado –, orienta o gênero que o filme assume: a dramédia. É um

gênero que acredito que espelha nossa vida - com momentos de tristeza, alegria e superação. Somos protagonistas de nossas histórias, que têm tudo isso.

De que maneira a saga de Clara contra o câncer, em prol da vida, permite que o filme converse com o drama, o melodrama e até o humor? Como

o filme se posiciona em relação aos conflitos da personagem?

A vida de Clara ganha tintas mais fortes quando ela se vê diante do inevitável, da doença. Ela passa a olhar pra vida de outra forma e isso faz com que a narrativa possa trazer todos esses ingredientes, realmente. Então diante da possibilidade de morrer ela passa a valorizar cada momento. Como diz Ana Cláudia Quintana Arantes, “morte não é o contrário de vida, morte é o contrário de nascimento”. Olhar a vida de forma mais atenta, carinhosa, com assombro e encantamento, faz parte desse processo de Clara.

Sua obra no cinema é marcada por diálogos com a juventude e com a infância, à exceção de “Mais Uma Vez Amor”, que trilha uma rota pela comédia romântica clássica. O quanto desse novo olhar é desafiador? Que novo universo - se é que é mesmo novo - dá corpo a “Câncer Com Ascendente em Virgem”?

Acho que encontrar o tom certo no roteiro, na decupagem, na atuação, foi o grande desafio para mim como diretora neste processo. A proximidade com a Clélia – uma vez que eu vivi parte dessa história com ela - me ajuda a achar esse tom, que resgato nas minhas vivências e memórias, além de leituras, conversas. Além disso, pra mim, o importante é contar a história da melhor forma possível, usando as ferramentas do meu repertório cinematográfico e contar com o talento de quem constrói esse universo comigo. Isso todos os filmes têm em comum, mesmo que as estratégias sejam diferentes. Em qualquer filme o que busco é sempre isso: a melhor forma de ajudar o público a mergulhar na obra.

Qual (e como) é a troca com a atriz Susana Pires no set, uma vez que ela é uma voz criativa também na dramaturgia, no roteiro?

A parceria com Suzana é um dos pilares desse filme. A entrega dela como atriz impressiona e o olhar dela lá no início, a disposição e empenho em mergulhar no blog pra escrever o roteiro (com Martha Mendonça e Pedro Renato) também.

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha